

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: Matérias que citam o ministro Fernando Coelho Filho ou o MME:

O Globo

[Título: Modelo defasado](#) 2

O Estado de S. Paulo

[Título: Petrobrás prioriza redução de dívida e mantém investimentos](#) 7

Folha de S. Paulo

[Título: Em agenda positiva, Temer leva inflação' ao Planalto anúncio da Petrobras](#) 9

Valor Econômico

[Título: Novo plano da Petrobras prevê investir US\\$ 74,5 bi](#) 15

Sumário

VEÍCULO: O Globo 2

[Título: Modelo defasado](#) 2

[Título: Petrobras eleva investimentos até 2022](#) 3

[Título: Estatal diz que se prepara para economia de baixo carbono](#) 5

Título: Nota.....	6
Título: Lei muda taxa de iluminação pública.....	7
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo.....	7
Título: Petrobrás prioriza redução de dívida e mantém investimentos	7
Título: Direto da fonte.....	9
Título: Em agenda positiva, Temer leva inflação' ao Planalto anúncio da Petrobras	9
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	11
Título: Antes de nova alta, gasolina a R\$ 4,49	11
Título: Petrobras investirá US\$ 74,5 bilhões	12
VEÍCULO: Valor Econômico.....	14
Título: Odebrecht Óleo e Gás deve concluir reestruturação	14
Título: Novo plano da Petrobras prevê investir US\$ 74,5 bi	15
Título: Decreto de Trump sobre minerais críticos deve favorecer mineradoras	17
Título: Destaques	19

VEÍCULO: O Globo

Seção: Opinião

Autor: Ricardo Barbi

Título: Modelo defasado

As ações e propostas encaminhadas pelo **Ministério de Minas e Energia** para o aprimoramento do setor elétrico são necessárias, pois o modelo precisa ser reorganizado e mais eficiente. Dentre as mudanças esperadas, é fundamental a eliminação de distorções para estancar os prejuízos bilionários imputados à geração de energia hidráulica no país. Isso é imprescindível para reequilibrar os negócios em operação e estimular novos investimentos. É consenso no setor que a proposta apresentada por medida provisória não será capaz de solucionar estruturalmente o problema, porque apenas busca resolver as judicializações em curso, mitigando parte dos prejuízos do passado compensando com a extensão dos prazos das concessões. De 2013 a 2017, o prejuízo dos geradores hidráulicos no MRE (Mecanismo de Realocação de Energia) chegou a R\$ 80 bilhões.

Isso porque o governo não vem reconhecendo os impactos da evolução da matriz energética nos últimos 20 anos no MRE, que continuará agravado pela expansão da geração por outras fontes. O risco hidrológico, medido pelo GSF (Generation Scaling Factor, em inglês), fator que afere a razão entre a energia produzida pelo conjunto dos geradores do MRE e a soma de suas garantias físicas, é hoje o principal motivo dos prejuízos bilionários e da judicialização pelos geradores de energia. Estabelecido em 1998, o MRE foi criado para mitigar os riscos de eventuais recessões hidrológicas de forma a estabilizar os custos de geração e proporcionar tarifas módicas aos consumidores.

Quando o MRE surgiu, a geração hidráulica correspondia a cerca de 90% da geração total do sistema para atendimento à carga. Hoje, esse índice é de aproximadamente 70%. E no futuro será em torno de 50%. A salutar evolução da matriz brasileira — que passou a ter maior participação de outras fontes, como solar, eólica e biomassa — introduziu distorções no MRE que foram agravadas pelas políticas de operação do Sistema Interligado Nacional para evitar a qualquer custo riscos de racionamento, impondo prejuízos extraordinários a quem gera energia de fonte hídrica. Sendo assim, não faz sentido que os geradores hidráulicos sofram impactos financeiros de um modelo desatualizado.

É preciso que os órgãos oficiais reconheçam a necessidade da separação do risco hidrológico do risco que não é hidrológico, introduzido pela mudança da matriz energética e pela política de operação. Este último não cabe ao gerador hidrelétrico e deve ser desconsiderado seu impacto no MRE/GSF. O problema persiste desde 2013, havendo uma solução paliativa no acordo da repactuação do risco hidrológico em 2016. Em 2017, os geradores hidráulicos remediaram o rombo bilionário por meio de descontrações das vendas às distribuidoras que estão sobrecontratadas. O novo ano começará sem uma solução estrutural. Pergunta-se: até quando o gerador hidráulico suportará tamanho desequilíbrio e quando o poder concedente resolverá o problema definitivamente para viabilizar o setor?

Ricardo Barbi é diretor comercial e regulatório da Santo Antônio Energia

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Bruno Rosa, Rennan Setti e Manoel Ventura

Título: Petrobras eleva investimentos até 2022

Serão US\$ 74,5 bi, na primeira alta desde a Operação Lava-Jato. Estatal amplia venda de ativos em US\$ 5 bi.

A Petrobras vai elevar os investimentos pela primeira vez após a Operação Lava-Jato, em 2014, revelar um grande esquema de corrupção na companhia. De acordo com o novo plano de negócios para os anos de 2018 a 2022, a estatal vai investir US\$ 74,5 bilhões. O número é 0,5% superior aos US\$ 74,1 bilhões que a companhia planejava destinar de 2017 a 2021. A nova estratégia prevê redução dos investimentos em exploração e produção — de US\$ 60,6 bilhões para US\$ 60,3 bilhões — e aumento dos aportes na área de refino e gás natural, de US\$ 12,4 bilhões para US\$ 13,1 bilhões. A companhia pretende ainda acelerar a venda de seus ativos. A estatal incluiu na carteira de desinvestimentos ativos com potencial de US\$ 5 bilhões.

Assim, apesar de já ter vendido US\$ 4,5 bilhões neste ano, a Petrobras ainda pretende arrecadar US\$ 21 bilhões com o seu programa de venda e parcerias até o fim de 2018. O objetivo é elevar a geração de caixa da estatal. De acordo com especialistas, isso vai ajudar a reduzir o nível de endividamento, um dos desafios da companhia. Segundo a Petrobras, a meta é que o endividamento líquido chegue a US\$ 77 bilhões no fim de 2018, uma queda de 23% em relação aos US\$ 100 bilhões registrados no terceiro trimestre de 2016, quando a dívida atingiu patamar recorde.

CORTE DE CUSTOS

Assim, a Petrobras quer diminuir a relação entre sua dívida líquida e sua geração de caixa operacional, medida pelo Ebitda, para 2,5 vezes no próximo ano. Em 2015, essa relação estava em 5,3. Ao fim do terceiro trimestre deste ano, a alavancagem da Petrobras ficou em 3,16 vezes. Para aumentar suas receitas, a estatal ressaltou ainda a manutenção da sua política de preços, com a venda de gasolina e diesel alinhada aos preços internacionais, e a redução de custos, como o corte de 10% nos gastos para a extração do barril de petróleo, para US\$ 9,90 até 2022. No caso do barril refinado, a estatal está cortando as despesas em 13%, para US\$ 2,60. Em Brasília, Pedro Parente, presidente da estatal, que anunciou o novo plano em cerimônia com o presidente Michel Temer, disse que a empresa tem como prioridade melhorar a gestão:

— A gente faz todo esse esforço de melhorar o sistema sem aumentar os custos da empresa. Estamos focando os nossos investimentos nos projetos mais rentáveis. Com a divulgação de seu plano, as ações da Petrobras subiram 4,32% (ON) e 4,06% (PN), o que ajudou a puxar a Bolsa de Valores de São Paulo. Segundo a companhia, o foco continua sendo o pré-sal, que vai consumir 58% dos investimentos de 2018 a 2022 da área de exploração e produção. Destaque para os US\$ 4,5 bilhões no campo de Lula, que vai receber duas novas plataformas; os US\$ 11,4 bilhões para Búzios, com cinco unidades novas; e os aportes US\$ 2,3 bilhões em Mero (área de Libra), que terá mais duas plataformas.

COMPERJ FORA DO PLANO

Com isso, a meta da empresa é elevar a produção dos atuais 2,1 milhões de barris de petróleo por dia para 2,9 bilhões de barris diários em 2022. Adriano Pires, do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), destacou ainda os aumentos dos investimentos na área de gás, uma das novidades da companhia para os próximos anos. Atualmente, diz Pires, 86% da produção da companhia estão atreladas ao petróleo e 14%, ao gás — abaixo dos principais concorrentes internacionais, que têm 50% em cada uma das fontes de energia. Segundo a estatal, haverá investimentos em dutos, gasodutos e unidade de processamento de gás para escoamento da produção do pré-sal. Em relação ao refino, a companhia pretende concluir, com parceiros, a segunda unidade da Refinaria Abreu e Lima (Rnest), em Pernambuco. O Comperj não é citado no plano. — A companhia precisa se desfazer de negócios em todas as áreas porque sabe que isso é essencial para reduzir o endividamento, hoje seu principal desafio. Apesar da melhora, ainda há muito a fazer — destacou Pires.

MAIS PARCERIAS NO MERCADO

Para analistas, as premissas da companhia para o preço do petróleo foram consideradas conservadoras. A estatal projeta o barril a US\$ 53 em 2018, chegando a US\$ 73 em 2022. — A empresa fez uma limpeza, reduzindo funcionários e vendendo ativos. O resultado disso é previsibilidade. Por isso, o plano não traz grandes mudanças. Primeiro, a empresa se contraiu e, depois, voltou aos trilhos. Agora, está botando a cabeça para fora, para fazer novos investimentos — disse Alvaro Bandeira, economista- chefe do Modal mais. Alfredo Renault, professor da PUC-RJ, afirmou que o novo plano de negócios traz uma consolidação da estratégia de Parente. Para ele, é importante que os desinvestimentos sejam confirmados para reduzir as dívidas: — Ao continuar focando no pré-sal, a empresa vai elevar a sua produção, o que é positivo. Em Brasília, Parente elogiou as mudanças nas regras de exploração do pré-sal, que desobrigam a empresa de participar de todos os leilões nessa área. E afirmou que a estatal tem buscado parcerias no mercado. A estatal já selou acordos com Total, CNPC, BP, Exxon- Mobil e Statoil.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia

Autor: Manoel Ventura e Letícia Fernandes

Título: Estatal diz que se prepara para economia de baixo carbono

Segundo a estatal, serão feitos investimentos em tecnologia para reduzir emissões.

O presidente da Petrobras, Pedro Parente, afirmou ontem, em evento no Palácio do Planalto para divulgar o plano de negócios da companhia, que a estatal se prepara para um futuro com base em uma economia de baixo carbono. O objetivo, segundo ele, é reduzir emissões de carbono nos processos produtivos da empresa, com maiores investimentos em tecnologias para diminuir o impacto das mudanças climáticas. — Quando falamos de uma economia de baixo carbono, estamos considerando que temos que reduzir as emissões do nosso processo, investir em novas tecnologias para reduzir o impacto na mudança climática e desenvolver negócios de alto valor em energia renovável — disse Parente.

Ao lançar o novo plano de negócios da estatal, ele reforçou a posição da Petrobras como empresa de energia, que incluiu três novos temas: transição para uma economia de baixo carbono, a preparação da companhia para capturar oportunidades advindas da transformação digital e a otimização da gestão financeira e de riscos. Parente afirmou que a estratégia de buscar transição para uma economia de baixo carbono atende às demandas da sociedade. — A estratégia vai se focar na avaliação do que deve a empresa fazer em atendimento a essa demanda da sociedade pela redução da emissão. Estamos começando esse trabalho, é uma estratégia que se iniciará a partir de janeiro. É um sinal importante da empresa caminhando e evoluindo com a sociedade — afirmou.

TEMER: ABUSOS “ELIMINADOS”

O presidente da Petrobras disse que divulgação do novo plano de investimentos da empresa no Palácio do Planalto, com a presença do presidente Michel Temer, serviu para “prestar contas” à sociedade sobre a atuação da empresa: — Temos aqui que fazer uma prestação de contas ao principal acionista. É disso que se trata. A sociedade brasileira é a principal acionista e merece receber prestação de contas. Já Michel Temer afirmou que, se já houve malfeitos na Petrobras no passado, estes “foram eliminados” em seu governo. Para Temer, foi sob a sua batuta, e com o comando do presidente Pedro Parente, que a Petrobras se “reergueu”, já que antes, segundo ele, mencionar a estatal era “quase um palavrão”. — Se no passado houve abusos na Petrobras, eles foram eliminados — afirmou. ().

VEÍCULO: O Globo

Seção: Economia / colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: Nota

Me dá um dinheiro aí

A Petrobras resolveu antecipar algumas dívidas bancárias. Depositará hoje nos cofres do BNDES nada menos do que R\$ 5 bilhões. Resta saber se Henrique Meirelles será bonzinho e deixará essa grana nas mãos do banco de Paulo Rabello de Castro, para ele emprestar, ou se arrastará o vintém para o combalido Tesouro nacional.

VEÍCULO: O Globo

Seção: Rio

Autor: Bruno Alfano

Título: Lei muda taxa de iluminação pública

A Câmara dos Vereadores aprovou ontem mudanças na cobrança da taxa de iluminação pública. A nova lei, proposta pelo prefeito Marcelo Crivella, vai aumentar a arrecadação do município em R\$ 40 milhões em 2018. A faixa de isentos aumentou. A partir do ano que vem, os contribuintes que gastam até 800kW/h estarão isentos da Contribuição para Custeio do Serviço de Iluminação Pública (Cosip). Hoje, está livre do pagamento quem gasta até 80kW/h. Pagarão menos aqueles que consomem de 801kW/h até 8.000kW/h. Mas, em compensação, a nova taxa vai doer no bolso de quem gasta acima 8.001kW/h. O maior aumento, porém, será para grandes consumidores, como indústrias, acima 20.000kW/h. ().

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Fernanda Nunes, Idiana Tomazelli, Daiene Cardoso E Beth Moreira

Título: Petrobrás prioriza redução de dívida e mantém investimentos

Horizonte. Orçamento para o período de 5 anos é praticamente o mesmo do divulgado em 2016 e está entre os menores da história da petroleira; pela 1ª vez, plano de negócios da empresa foi anunciado no Palácio do Planalto, o que foi alvo de críticas de especialistas

Coube ao presidente Michel Temer, em período de rejeição popular, anunciar ontem o investimento de US\$ 74,5 bilhões da Petrobrás nos próximos cinco anos. Pela primeira vez, o plano de negócios da empresa foi anunciado no Palácio do Planalto. O orçamento para o período de cinco anos é praticamente o mesmo do divulgado em 2016 e está entre os menores da história da petroleira. Ao frear o investimento, porém, a empresa vislumbra que terá um caixa completamente saudável até 2022. “Conseguimos reerguer a Petrobrás e cuidaremos para que permaneça como referência de profissionalismo e excelência”, disse Temer durante a solenidade. Para o **ministro de Minas e Energia Fernando Coelho Filho**, a Petrobrás simboliza “a retomada e capacidade

de resiliência da economia”. Já o presidente da Petrobrás, Pedro Parente, argumentou que foi a Brasília prestar contas ao acionista majoritário e disse que não vê “como isso pode arranhar a credibilidade” da companhia. Mas para o diretor do Centro Brasileiro de InfraEstrutura (CBIE), Adriano Pires, a cerimônia de ontem “acendeu uma luzinha amarela no mercado financeiro”, porque, em sua opinião, demonstra ingerência política sobre a empresa.

A Petrobrás, ao divulgar o plano de negócios, mostra que permanecerá em busca do pré-sal e da redução da dívida. As premissas são praticamente as mesmas do planejamento anterior: chegar ao fim de 2018 com uma relação entre geração de caixa e endividamento dentro da meta de 2,5 vezes. No fim do terceiro trimestre, último período divulgado, a relação era de 3,16 vezes. Caixa. A expectativa da companhia é de que, à medida que o barril do petróleo se valorize, nos próximos anos, o compromisso do caixa com o pagamento de dívida caia. “O objetivo é que o indicador seja declinante e convergente, até 2022, com a média mundial das principais empresas do setor”, diz o texto do o plano de negócios, numa demonstração de que a petroleira vislumbra retomar completamente a sua saúde financeira no horizonte do plano, dos próximos cinco anos. Segundo Parente, essa média será uma relação entre geração de caixa e endividamento de 1,5 a 1,6 vez.

O segmento de exploração e produção, que sempre dominou os investimentos, daqui para frente vai ganhar ainda mais espaço. A área, na qual o pré-sal está inserido, vai ficar com 81% do orçamento de US\$ 74,5 bilhões. O setor de refino e gás natural perdeu importância, responderá por 18% do total e, dentro dela, a de distribuição de combustíveis, ficou com 6% dos investimentos, um reflexo da abertura de capital da BR Distribuidora, na avaliação do ex- diretor- geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP) David Zylbersztajn. A leitura é que, com menos participação na subsidiária, cai também o investimento na BR. Venda. A meta de vender US\$ 21 bilhões dos ativos neste e no próximo ano está mantida. “A Petrobrás está demonstrando que vai deixar o investimento em refino para parceiras”, acrescentou o diretor do CBIE.

Em entrevista, Parente ressaltou que a prioridade é buscar novos reservatórios e ampliar a produção nos já descobertos, em linha com a prática internacional. A entrada de oito plataformas apenas no próximo ano vai contribuir para isso. Em 2022, a Petrobrás espera estar produzindo 3,5 milhões de barris de óleo equivalente por dia (boe/d) de petróleo e gás natural no Brasil e no exterior. Para o próximo ano, a meta é de 2,7 milhões de boe/d. “Na nossa opinião, a meta de produção da Petrobrás é consistente com os investimentos da empresa”, informou o JP Morgan aos seus clientes, em relatório. Já os analistas do Santander Christian Audi e Gustavo Allevato avaliaram que o plano de negócios veio dentro do esperado e sem grandes modificações em relação ao plano anterior divulgado pela estatal. A ação preferencial da petroleira fechou

em alta de 4% e analistas atribuíram o bom desempenho ao fato de o documento ter vindo sem surpresas, em linha com a expectativa do mercado. /

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Caderno 2 / colunas

Autor: Sonia Racy

Título: Direto da fonte

Plus size

À parte dos bons números divulgados ontem pela Petrobrás, no Planalto, foi muito comentado em conversas internas da estatal a venda de 25% do campo de Roncador, para a Statoil, essa semana. Calcula-se que a empresa norueguesa tenha tecnologia e capacidade para conseguir tirar algo como 400 mil barris/ dia a mais do que a Petrobrás extrai hoje.

Plus size 2

O que isso significa? Que a petrolífera brasileira, a grosso modo, vai embolsar os R\$ 2,9 bilhões que receberá pelo contrato e ainda continuará faturando o mesmo que faturava antes em Roncador. Possuindo agora, somente... 75% do negócio.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Economia

Autor: Marina Dias, Julio Wiziack E Nicola Pamplona

Título: Em agenda positiva, Temer leva inflação' ao Planalto anúncio da Petrobras

No passado recente, estatal sempre revelou plano de investimentos em sua sede no Rio

Presidente diz que seu governo recuperou a empresa, que mantém como objetivo redução do endividamento

DE BRASÍLIA e DO RIO- Apesar das promessas de maior independência em relação ao governo federal, a Petrobras transferiu para o Palácio do Planalto divulgação de seu plano de investimentos para o período entre 2018 e 2022, que prevê aportes de US\$ 74,5 bilhões.

O anúncio em Brasília contraria a história recente da companhia, que sempre optou por divulgar o plano de negócios em sua sede, no Rio — como ocorreu também com o primeiro plano da gestão Pedro Parente, em 2016.

Na cerimônia, Temer não citou a Operação Lava Jato — da qual também é alvo —, mas usou seu rápido discurso para dizer que a Petrobras deixou de ser "um palavrão" e agora apresenta resultados

No palco com Temer e o presidente da estatal estava o ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República, Moreira Franco, também citado em delações da Lava Jato. Os dois negam as acusações,

"Há dois anos, a Petrobras era quase um palavrão, ficou muito desmoralizada, e o Pedro [Parente] conseguiu reerguer a Petrobras para que eu pudesse dizer essas palavras. Cuidaremos para que a Petrobras permaneça como uma referência de profissionalismo e excelência no Brasil e no mundo", disse Temer.

Enfrentando baixos índices de aprovação popular, o presidente sofreu em dezembro uma importante derrota na área econômica com o adiamento da votação da Reforma da Previdência.

Ele aproveitou o evento desta quinta (21) para fazer eco ao discurso de que seu governo recuperou a companhia. "Se no passado houve abusos na Petrobras, eles foram eliminados", afirmou.

Antes de Temer, **o ministro de Minas e Energia, fernando coelho filho**, enumerou medidas adotadas pelo governo no setor que ganharam o apoio de investidores, como o fim da exclusividade da Petrobras na operação do pré-sal.

O PLANO

O plano divulgado pela Petrobras mantém estável a projeção de investimentos, em uma média de US\$ 14,9 bilhões por ano — a versão 2017-2021, falava em US\$ 14,8 bilhões anuais.

A empresa permanecerá focada em reduzir o endividamento e em colocar em produção reservas já descobertas, sem grandes alterações em relação à estratégia iniciada no plano anterior. O documento reforça a política de "preços de mercado" para os combustíveis, mas diz que a empresa será "ativa", com o objetivo de recuperar o terreno perdido para importações de empresas privadas nos últimos anos.

A Petrobras manteve a meta de vender US\$ 21 bilhões em ativos até o ano que vem, apesar de ter fechado somente US\$ 4,5 bilhões em negociações até agora.

Do total de investimentos, US\$ 60,3 bilhões serão destinados à área de Exploração e Produção — 77% desse volume voltado ao desenvolvimento de reservas já descobertas.

A meta é atingir, em 2022, a produção de 3,5 milhões de barris de óleo e gás, crescimento de cerca de 30% com relação à produção atual. Deste total, 3,4 milhões de barris de óleo equivalente serão produzidos no Brasil.

Ao todo, 19 novas plataformas serão colocadas em operação até 2022. Apenas em 2018, serão oito, seis delas no pré-sal.

A área de Refino e Gás receberá US\$ 13,1 bilhões, com destaque para logística de gás e qualidade de combustíveis.

O único projeto de ampliação de refino previsto é a segunda fase da refinaria de Pernambuco, que depende ainda da busca por parceiros dispostos a ajudar no investimento, (Marina Dias, Julio WIZIACK E NICOLA PAMPLONA)

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor: Anna Russi

Título: Antes de nova alta, gasolina a R\$ 4,49

Os consumidores devem ficar atentos para aproveitar os postos que ainda estão em promoção, com o litro da gasolina por até R\$ 3,97. A Petrobras anunciou novo reajuste de 1,1% para a gasolina e de 0,5% para o diesel, que começa a valer hoje. O último aumento havia sido na quinta-feira, com a gasolina subindo 1,4% e o diesel, 0,7%. Postos do Plano Piloto ainda estavam ontem com o preço abaixo dos R\$ 4, enquanto outros já vendiam o litro até por R\$ 4,49.

O diretor do Centro Brasileiro de Infra-estrutura (CBIE), Adriano Pires, explicou que essa instabilidade de preços nos combustíveis é normal e esperada desde a nova política de preços da Petrobras, iniciada em 3 de julho. Os ajustes passaram a acompanhar o mercado internacional. Para ele, essa fórmula estimula a concorrência e os consumidores terão de buscar postos que estejam com promoções. “O petróleo é uma commodity, então, quando aumenta no mercado, é normal que isso seja repassado e o consumidor sinta pesar um pouco o bolso”, disse.

Para a servidora Gracileide Sousa, 39 anos, a nova política da Petrobras leva o motorista a gastar muito com combustível. Ela lamentou o preço que encontrou no posto ontem. Pediu que o frentista abastecesse apenas metade do tanque, na expectativa de que, em alguns dias, pudesse encontrar valores menores. No

entanto, quando ficou sabendo do novo reajuste, resolveu colocar no carro tudo o que era possível.

“Não tem condições, a gente sofre muito gastando tudo isso. Eu deixo de sair, ando menos de carro para evitar gastar à toa”, observou. Ela se queixa do transporte público de Brasília, com o qual diz não poder contar. “Tudo na cidade é longe. Se a gente usa ônibus, não tem como saber a que horas chegará ao destino”, finalizou.

Pires destacou que os brasileiros que abastecem seus veículos podem ter vantagem com o etanol. “Em alguns estados brasileiros deve estar valendo mais a pena do que a gasolina, e, no Brasil, 90% dos carros são flex”, afirmou. Ele destacou que a principal opção para o consumidor é a gasolina, mas que, escolhendo outros combustíveis, a queda na demanda pode obrigar os donos de postos a reduzir o preço da combustível.

“É uma questão de se adaptar e estimular a competição, realmente. E isso pode ser muito bom para um mercado que já enfrentou o cartel”, completou o especialista. Ele frisou que, para o consumidor que pensa em trocar a gasolina para o etanol, é importante avaliar o preço de ambos. Deve-se checar se o etanol está custando 70% do valor da gasolina, já que o rendimento do motor obedece a essa proporção.

O engenheiro civil Pedro Fernandes, 47, contou que, por estar gastando mais em combustível, o orçamento mensal foi sacrificado. Ele tem até mesmo evitado alguns deslocamentos. “Quando é para trabalhar, a gente não tem como evitar. Mas em casos pessoais, como jantares, festas ou alguma outra saída, eu acabo deixando de ir”, comentou.

***Estagiária sob supervisão de Paulo Silva Pinto**

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor: Simone Kafruni

Título: Petrobras investirá US\$ 74,5 bilhões

A Petrobras anunciou ontem o primeiro aumento nos investimentos desde o início do processo de reestruturação. No Plano de Negócios e Gestão (PNG) 2018-2022, aprovado pelo conselho de administração e divulgado ontem, a estatal estima investir US\$ 74,5 bilhões nos próximos cinco anos, volume 0,5% maior do que o previsto no plano anterior. Os investimentos vinham despencando, de US\$ 237 bilhões no quinquênio 2013-2017 até US\$ 74,1 bilhões no período 2017-2021.

A companhia pretende destinar US\$ 60,3 bilhões, ou 81% do total dos investimentos, à área de exploração e produção (E&P), dos quais 77% no desenvolvimento de projetos, 12% em infraestrutura e 11% em exploração. Outros US\$ 13,1 bilhões, ou 18% do total, serão investidos no setor de refino e gás natural e 1% aos demais segmentos, basicamente à manutenção das operações e escoamento da produção.

A empresa anunciou o programa de parcerias e desinvestimentos como parte importante do plano. A proposta para o biênio 2017-2018 é manter o patamar do período anterior, de cerca de US\$ 21 bilhões. A estatal disse que vai sair “integralmente das atividades de produção de biocombustíveis, distribuição de GLP (gás liquefeito de petróleo), produção de fertilizantes e das participações em petroquímica, preservando competências tecnológicas em áreas com potencial de desenvolvimento”.

Para o diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura, Adriano Pires, o plano consolida tudo o que foi dito desde que Pedro Parente assumiu a presidência da Petrobras. “Fortaleceu os cinco eixos baseados em política de preços competitivos, Capex (investimento) eficiente, Opex (despesas operacionais) eficaz, parcerias e desinvestimentos”, disse. As medidas visam resolver a questão financeira da companhia. “A Petrobras tem dívida de mais de US\$ 100 bilhões. No ano passado, pagou US\$ 7,5 bilhões em juros, enquanto outras companhias petrolíferas desembolsam US\$ 1,5 bilhão, em média”, comparou Pires. Segundo a companhia, o objetivo é terminar 2018 com endividamento total de US\$ 102 bilhões, ante os US\$ 114 bilhões registrados no fim do terceiro trimestre deste ano.

O especialista apontou que a estatal ganhou credibilidade no mercado com a reestruturação. “Conseguiu alongar a dívida e captar dinheiro a custos mais baixos”, avaliou. “Na verdade, o novo plano passou a mensagem de que a companhia está em busca da redução da alavancagem, que já foi de cinco vezes a relação Ebitda /dívida líquida e agora está em 3,2. A meta para 2018 é chegar a 2,5, quando o número das empresas internacionais é 1,5”, acrescentou.

O diretor do Cbie destacou que a grande novidade do PNG 2018-2022 é o anúncio de que a Petrobras está preocupada com a emissão de Carbono (CO2). “Reduzir a emissão de CO2 significa ter mais gás natural no portfólio da empresa. Então, a companhia deve produzir mais gás e buscar mais parcerias nessa área”, analisou. O PNG também estimou geração operacional de caixa em US\$ 141,5 bilhões e produção total de óleo e gás, no Brasil e no exterior, de 3,55 milhões de barris de óleo equivalente por dia.

VEÍCULO: Valor Econômico**Seção: Empresas****Autor: André Ramalho | Do Rio****Título: Odebrecht Óleo e Gás deve concluir reestruturação**

A Odebrecht Óleo e Gás (OOG), que aluga plataformas e sondas e presta serviços de manutenção para a indústria petrolífera, espera concluir ainda hoje o seu processo de recuperação extrajudicial e, assim, começar em 2018 um novo ciclo. Com uma dívida reestruturada, no valor de US\$ 5 bilhões, a companhia vive o desafio de diversificar sua base de clientes e, ao mesmo tempo, voltar a negociar com a Petrobras, com quem está impedida de contratar há três anos, desde a eclosão da Lava-Jato.

O plano de recuperação da OOG já foi homologado pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e reconhecido pelo tribunal de falências do Distrito Sul de Nova York (EUA). A expectativa da empresa é que as notas dos "bondholders", com as novas condições e prazos da dívida, sejam emitidas ainda hoje.

Presidente da OOG, Roberto Simões, conta que a empresa sai do processo de reestruturação numa "situação confortável", porque possui dez contratos de afretamento de embarcações vigentes com a Petrobras que lhe garantem uma receita anual de cerca de US\$ 1 bilhão. Segundo ele, essa situação permite com que a empresa tenha condições de gerar caixa num momento de baixa demanda.

O foco da companhia, destaca o executivo, é "operar bem", cumprir os contratos vigentes e buscar de forma seletiva novas oportunidades de negócios, com foco no afretamento de plataformas.

"Temos interesse em crescer e estamos preparados. Daqui para frente o primeiro foco é operar bem e sermos muito seletivos na busca de novos investimentos. O maior potencial dos próximos anos é o mercado de FPSOs (plataformas flutuantes)", afirmou.

A OOG possui dois FPSOs afretados à Petrobras - o mais recente deles, entrou em operação em novembro no campo de Mero (ex-Libra), no pré-sal da bacia de Santos. Para crescer nesse segmento, contudo, a OOG aguarda o aval de sua principal cliente, a Petrobras, que desde dezembro de 2014 mantém a Odebrecht no bloqueio cautelar aos grupos econômicos citados na Lava-Jato.

Simões defende que a OOG não tem "nenhum envolvimento" no esquema de corrupção investigado e que a empresa "entrou de gaiato na história", porque pertence ao grupo Odebrecht - um dos principais pivôs da Lava-Jato. Segundo

ele, a fornecedora reformou suas práticas de conformidade e já passou pela diligência da estatal. A expectativa é ser liberada "em breve", a tempo de participar das licitações de 2018.

"Apesar de termos tido os leilões [de blocos exploratórios] este ano, que abrem um horizonte para novos negócios, tem pouca coisa para acontecer nesse curto prazo [envolvendo outras operadoras]. O mais importante, nesse momento, é o retorno ao cadastro da Petrobras. Até pelo rótulo que isso traz. No mínimo, [com a liberação] perdemos o rótulo de 'bad boys'", diz.

O executivo conta que, desde que a Petrobras bloqueou a companhia, outras petroleiras também adotaram uma espécie de "bloqueio branco" à OOG, mas que a percepção do mercado sobre a empresa está mudando. Segundo ele, a Odebrecht já voltou a ser convidada por petroleiras internacionais para concorrências.

Em meio à conclusão do processo de recuperação extrajudicial, a OOG encerrou ontem também uma negociação importante com a Petrobras e que afastou a possibilidade de rescisão do contrato de afretamento da sonda Norbe VIII. A estatal havia pedido a paralisação das atividades da sonda, após uma explosão na unidade matar três pessoas, em junho, e ameaçou rescindir o contrato de afretamento da embarcação em definitivo.

Se fosse rescindido, o contrato poderia afetar diretamente a capacidade de geração de caixa da fornecedora e, conseqüentemente, as condições previstas no plano de recuperação. Em 2015, a petroleira já havia rescindido o contrato da sonda Tay IV, justamente o fator que levou a OOG a perder grau de investimento e ter de renegociar suas dívidas.

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho, Rafael Rosas e Daniel Rittner | Do Rio e de Brasília

Título: Novo plano da Petrobras prevê investir US\$ 74,5 bi

A Petrobras anunciou ontem o seu novo plano de negócios, com previsão de investimentos de US\$ 74,5 bilhões entre 2018 e 2022, patamar 0,5% acima do plano anterior. Em linha com as expectativas do mercado, o tom do novo plano foi o de continuidade das diretrizes já estabelecidas. Para além da manutenção dos níveis de investimentos, a empresa manteve também as metas de desalavancagem e de desinvestimentos.

Contrariando uma tradição de anos, o plano foi anunciado pela primeira vez no Palácio do Planalto, com a presença do presidente Michel Temer e a

participação de dois ministros: **Fernando Coelho Filho (Minas e Energia)** e Moreira Franco (Secretaria Geral da Presidência). Em entrevista coletiva, Parente buscou afastar qualquer interpretação de ingerência política na petroleira por conta disso. Salientou o apoio de Temer para modernizar a companhia com "autonomia" e "sem indicações políticas".

"Viemos fazer uma prestação de contas ao principal acionista da nossa empresa, a União, não vejo como pode ferir essa autonomia", afirmou.

Um dos principais pilares do plano foi a manutenção da meta de desalavancagem, a partir da redução da relação dívida líquida/Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) para 2,5 vezes ao fim de 2018 - ante os atuais 3,16 vezes. A Petrobras espera reduzir sua dívida líquida para US\$ 77 bilhões ao fim do quarto trimestre do ano que vem - no terceiro trimestre deste ano, último dado disponível, o endividamento líquido era de US\$ 88 bilhões.

A empresa acenou, ainda, para uma possível intensificação do processo de desalavancagem, ao anunciar que o objetivo é trabalhar com um indicador "declinante e convergente, até 2022, com a média mundial das principais empresas do setor".

Na avaliação do Santander, o pragmatismo da atual administração leva a crer que a companhia manterá um foco contínuo na redução da alavancagem após 2018 para níveis próximos aos pares globais da petroleira brasileira (de 1,3 vez a 1,8 vez).

Já o programa de parcerias e desinvestimentos foi mantido em US\$ 21 bilhões para o biênio 2017-2018. A companhia também reforçou seus pilares estratégicos, baseados em preços competitivos, eficiência de investimentos, eficiência na operação e programa de parcerias e desinvestimentos. Segundo a estatal, esses pilares permitirão à empresa "realizar seus investimentos e reduzir seu endividamento, sem necessidade de novas captações líquidas no horizonte do plano", até 2022.

Entre as poucas novidades do plano, destaque para a inclusão da transição para uma economia de baixo carbono entre os objetivos estratégicos da estatal. A Petrobras incorporou o tema ao conjunto de 20 estratégias que norteiam os princípios fundamentais da companhia, assim como a captura de oportunidades advindas da transformação digital.

O plano também trouxe, como previsto, algumas postergações de projetos. Dos 19 novos sistemas de produção previstos para entrar em operação entre 2018 e 2022, oito tiveram seus cronogramas adiados em um ano: os projetos Lula

Norte e Tartaruga Verde e Mestiça, inicialmente agendados para este ano, começarão a produzir em 2018; Mero 1, Sépia, Búzios 5 e a revitalização de Marlim 1 foram postergados de 2020 para 2021; e Itapu e Mero 2, de 2021 para 2022.

Mesmo com os adiamentos, a Petrobras pretende aumentar em 38% sua produção de petróleo, no Brasil, entre 2018 e 2022. O novo plano de negócios da estatal prevê uma produção de 2,88 milhões de barris diários - a previsão anterior era produzir, em média, 2,77 milhões de barris/dia em 2021. Para 2018, a meta é de 2,1 milhões de barris/dia - alta de 1,45% frente à estimativa para 2017.

O novo plano de negócios da companhia reitera o foco na produção do pré-sal e marca também a intensificação do ritmo das atividades de exploração nos próximos anos. A empresa prevê uma perfuração média de 29 poços por ano entre 2018-2022, praticamente o dobro do patamar do biênio 2016-2017 (15 poços).

O aumento das perfurações reflete as recentes aquisições da companhia. Nos leilões de áreas exploratórias deste ano, a Petrobras arrematou dez novos blocos. Os ativos totalizam uma área de 11,4 mil quilômetros quadrados - o que representa um crescimento de 17% no portfólio da petroleira.

Durante a coletiva para apresentação do plano, Parente também comentou sobre a renegociação do contrato de cessão onerosa. Ao ser questionado sobre as projeções do Bradesco, que avalia que a Petrobras teria que pagar US\$ 8 bilhões, ou 1,4 bilhão de barris de petróleo, ao final da revisão do contrato, o executivo discordou das projeções feitas pelo banco.

Parente já manifestou publicamente que acredita que a Petrobras sairá como credora na renegociação. A estatal, segundo ele, já indicou seus representantes na comissão negociadora do governo sobre a revisão do contrato. De acordo com Parente, o governo também estaria indicando seus membros no comitê "a qualquer momento", mas o colegiado depende disso para começar as discussões. **(Colaboraram Andrea Jubé e Marcelo Ribeiro)**

VEÍCULO: Valor Econômico

Seção: Internacional

Autor: Henry Sanderson | Financial Times

Título: Decreto de Trump sobre minerais críticos deve favorecer mineradoras

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ordenou que o país precisa deixar de depender de fontes estrangeiras para conseguir os chamados

"minerais críticos", como os metais lítio e o cobalto, usados em baterias, em uma iniciativa de grande abrangência e que poderá dar um forte impulso para as mineradoras americanas. Empresas do setor apoiaram o decreto presidencial a respeito.

Os EUA deveriam incentivar a produção, exploração e reciclagem doméstica de minerais críticos e apoiar a busca para identificar alternativas tecnológicas, afirmou Trump em decreto na noite de quarta-feira.

"Essa dependência dos Estados Unidos em relação a fontes estrangeiras cria uma vulnerabilidade estratégica, tanto para a economia quanto para as Forças Armadas, diante de ações adversas de governos estrangeiros, de desastres naturais e de outros eventos que possam interromper o fornecimento desses minerais fundamentais", disse Trump.

O decreto poderá facilitar o caminho de projetos de mineração americanos de elementos como o cobalto, lítio e as terras-raras, usados em produtos que vão desde turbina eólicas a motores de carros elétricos. Os EUA vão identificar novas fontes de minerais críticos e incrementar a atividade "em todos os níveis da cadeia de fornecimento", desde a mineração até o reprocessamento.

Mineradoras de pequeno porte, que buscam novos depósitos, vêm explorando lítio em Nevada e na Carolina do Norte, enquanto um consórcio liderado por chineses busca ressuscitar a maior mina de terras-raras dos EUA, na Califórnia, em meio ao aumento da demanda mundial por carros elétricos e fontes de energia renováveis, como a eólica e a solar.

Os EUA produzem uma "quantidade desprezível" de cobalto, como subproduto, segundo o Serviço Geológico dos EUA (USGS, na sigla em inglês), e têm apenas cerca de 2,5% das reservas mundiais conhecidas de cobalto.

O decreto poderia ser usado como pretexto para driblar regras ambientais que vinham restringindo os projetos de mineração, de acordo com David Abraham, escritor do livro "The Elements of Power" (os elementos de poder, em inglês), sobre minerais críticos.

"Isso estimulará as empresas de mineração", disse ele. "O grande problema não é encontrar financiamento, mas a lentidão de obter as permissões. O que veremos é que todas as empresas juniores de mineração vão perguntar se seu material está listado no relatório e se elas podem obter ajuda do governo americano".

Uma lista de minerais críticos será publicada no Federal Register dentro de 60 dias, segundo o decreto. Ela veio acompanhada por um relatório de 862 páginas do Departamento do Interior e do USGS, que destacou 23 minerais críticos,

entre eles o cobalto, lítio, grafite, elementos de terras-raras, vanádio e manganês, dos quais os EUA dependeram fortemente de importação em 2016.

Os minerais foram escolhidos com base em "riscos em seu suprimento" e no impacto das potenciais restrições ao suprimento, disse o USGS. Todos são críticos para uma "ampla gama de tecnologias existentes e emergentes, energia renovável e segurança nacional", afirmou.

O decreto não menciona a China, mas o país é dominante na produção e processamento de terras-raras, um grupo de 17 elementos usados em smartphones e em alguns sistemas de armamentos. Uma iniciativa chinesa visando reduzir as exportações de terras-raras em 2010 produziu temores generalizados sobre a vulnerabilidade americana.

A China também domina o refino do cobalto, do qual mais de metade provem da República Democrática do Congo.

"Como ex-comandante militar e geólogo, conheço o verdadeiro risco, para a segurança nacional, de depender de outros países para a satisfação das necessidades militares de manter nossos soldados e nossa pátria em segurança", afirmou o secretário do Interior dos EUA, Ryan Zinke.

VEÍCULO:	Valor Econômico
Seção:	Empresas
Autor:	
Título:	Destaques

Vale no Novo Mercado

A Vale estreia hoje no Novo Mercado, segmento de máxima governança corporativa da B3. Além de um marco para a companhia, Mauro Rodrigues da Cunha, presidente da Associação de Investidores no Mercado de Capitais (Amec), acredita que a decisão serve como exemplo a quem ainda sustenta o modelo de ações ordinárias e preferenciais. "Essa estrutura desalinha interesses da companhia, impede que se destrave o valor possível e cria um teto menor para se alavancar", comenta. Como, além da Vale, outras como Suzano e Eletropaulo tomaram a mesma decisão em 2017, Cunha classifica o momento como "uma nova fase do mercado de capitais brasileiro"

MME / ASCOM .